

## Reflexões sobre a sexualidade e a infância

CAMARGO, Ana Maria Faccioli; RIBEIRO, Cláudia. **Sexualidade(s) e infância(s)**: a sexualidade como um tema transversal. São Paulo: Moderna; Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1999.

*Dilma do Carmo Brito, Gilnúbia Rosa Mendes da Silva, Maria de Lourdes Brito de Souza e Rosângela Rodrigues da Silva\**

O livro de Ana Maria Faccioli Camargo e Cláudia Ribeiro apresenta uma reflexão acerca de questões que envolvem a sexualidade, presentes nas discussões no interior da sala de aula e no cotidiano das crianças. As autoras abordam a sexualidade como um tema transversal, ligando-o a conceitos como os de vergonha, pudor, pecado, buscando evidenciar o sentido de tabu que essa temática traz no seu bojo no decorrer da história da humanidade. Apresentam também relatos de práticas dentro e fora do espaço escolar em que as crianças exteriorizam suas curiosidades e dúvidas acerca do tema, cabendo aos professores, em parceria com as famílias, mediar e proporcionar atividades que permitam a construção de conceitos pelas próprias crianças, evitando assim conceitos e explicações errôneas e fantasiosas sobre a sexualidade.

Na tentativa de entender como o conceito de infância e sexualidade foi sendo construído ao longo da história, Camargo e Ribeiro lançam mão de obras de autores como Ariès, Foucault, Rousseau e Freud, que apresentam estudos acerca da temática em diferentes contextos e tempos históricos. Segundo as autoras, a criança, por muito tempo, foi considerada um adulto em miniatura, sem vontades próprias, não sendo respeitada física nem emocionalmente. Em alguns casos, seu destino mesmo era decidido pelo pai já em seu momento de nascimento. Também os vários discursos produzidos sobre a sexualidade (religioso, médico, psiquátrico, psicológico) acabaram por

---

\* Graduandas do curso de Licenciatura Plena em Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental (UESB). Professoras da Rede Municipal de Vitória da Conquista.

contribuir para que esta fosse vista e considerada como algo pecaminoso, sujo, vergonhoso, portanto, passível de repressão e controle.

A partir do século XIX iniciam-se discussões acerca da sexualidade infantil, que naquele contexto era considerada como uma manifestação patológica e lastimável. Com base nos estudos de Freud, foi possível perceber que a sexualidade e o prazer se manifestam como algo normal do ser humano e estão presentes neste desde o nascimento, nas diferentes fases do seu desenvolvimento psicosssexual.

As autoras consideram em seu trabalho, com base em Foucault, que falar sobre sexualidade implica uma relação de poder de quem fala sobre o sujeito para quem se fala. São através dessas relações de poder que se estabelecem verdades e se constituem os sujeitos, e entender a dinâmica dessa constituição de sujeitos sociais sexuados é um grande desafio para a educação.

Para as autoras, abordar as questões sexuais na escola é algo polêmico, porém indispensável, visto os altos índices de gravidez na adolescência, iniciação precoce na atividade sexual, a influência da mídia com informações deturpadas e normatizadoras da conduta sexual e a proliferação das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e AIDS. A escola é então entendida como o espaço favorável para questionamentos e discussões acerca dessa problemática, bem como da sistematização das informações concernentes a ela. Nesse sentido, a Orientação Sexual passa a ser incluída nos currículos escolares como tema transversal, legitimado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), e sua abordagem implica considerar as questões sociais, éticas e morais dos sujeitos envolvidos nessas discussões que ainda são tratadas com medo, submissão, tabu, mito, vergonha e resistência.

Vale ressaltar que Camargo e Ribeiro usam o termo Educação Sexual e não Orientação Sexual, como sugerem os PCNs. Para as autoras, educação sexual é um processo que perpassa por toda a vida da criança e está latente no espaço escolar, motivo pelo qual deve ser abordada em todas as disciplinas curriculares no caso das crianças que encontram-se no início da escolarização. É importante frisar que o

trabalho com a educação sexual está carregado consciente e inconscientemente de valores, afetos, condutas e da maneira singular do professor conceber e vivenciar a própria sexualidade. Reside aí a importância das educadoras saberem lidar com a sua sexualidade, fator que reflete na construção de relação de confiança e autonomia com os educandos. Essa relação autônoma e de confiança possibilita às crianças dimensionar as suas relações inter/intrapessoais, bem como a relação com a sua própria sexualidade.

No intuito de mostrar a relevância do trabalho sobre sexualidade com crianças desde as mais tenras idades, as autoras apresentam o trabalho de pesquisa realizado a partir das experiências vivenciadas por educadoras, através de relatos de escolas públicas que atendem crianças da Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental. De acordo com os relatos das educadoras, Camargo e Ribeiro tentaram entender como o trabalho educativo nessas séries iniciais permite ou não que a criança vá se percebendo e se constituindo como ser sexuado de forma que a sensibilidade, a curiosidade e a criatividade das crianças sejam preservadas, sem reproduzir ou padronizar conceitos enraizados sobre sexualidade.

Percebe-se, com os relatos das professoras apresentados pelas autoras, a necessidade de se trabalhar a sexualidade com as crianças a partir da parceria com a família, aproveitando as situações suscitadas em sala de aula que envolvam a temática. Essas situações se manifestam por meio da curiosidade natural das crianças, nas brincadeiras e jogos, na exposição e desenho dos órgãos genitais. Nesse sentido, a intervenção do professor é extremamente importante para que esses momentos direcionem e possibilitem a construção significativa e criativa do conhecimento acerca da sexualidade. Os trabalhos realizados pelas educadoras pesquisadas envolvem projetos pedagógicos sobre sexualidade e somente uma das 12 professoras pesquisadas demonstra a partir do seu relato não estar preparada para lidar com essas questões em sala de aula.

Unindo teoria e pesquisa, aliada a uma linguagem simples, as autoras fazem uma ampla discussão sobre educação sexual nas escolas, bem como as relações entre crianças e educadoras, ao problematizarem as relações entre sexualidade e infância. Evidenciam também a necessidade dos docentes trabalharem com questões relacionadas à sexualidade desde a Educação Infantil despidos de pudor, mitos e tabus. O livro é um suporte teórico para a prática educativa e um convite para a inclusão da educação sexual no cotidiano escolar, ao apresentar as possibilidades de desmistificar as “verdades” sobre sexualidade, cristalizadas ao longo da nossa história, constituindo-se em leitura imprescindível para estudantes dos cursos de licenciatura e docentes da educação básica.